
**“‘FELIZ ANIVERSÁRIO’ E ‘NOVENTA E TRÊS’: O
SILENCIAMENTO DA VELHICE NAS NARRATIVAS DE
CLARICE LISPECTOR E MIA COUTO”.**

LAURITI, Thiago¹

Resumo: Este artigo pretende analisar comparativamente os contos “*Feliz Aniversário*” da autora Clarice Lispector e “*Noventa e três*” do escritor moçambicano Mia Couto, procurando identificar as marcas do drama do silenciamento da velhice nas sociedades de que são oriundos bem como a forma que utilizam para denunciar a hipocrisia das relações familiares existente.

Palavras – chave: velhice – memória – relações familiares.

Abstract: This article aims to analyze comparatively the story “*Happy Birthday*” Clarice Lispector and “*Ninety-three*” of the Mozambican writer Mia Couto, seeking to identify the marks of the tragedy of old age in the silencing of companies that come and the way they use to denounce the hypocrisy of existing family relationships.

Key-words: old age – memory – family relationships.

“Como deveria ser uma sociedade para que, na velhice, o homem permaneça um homem? A resposta é radical para Simone de Beauvoir: ‘Seria preciso que ele sempre tivesse sido tratado como homem’”. (BOSI, 1999, p.81).

I) INTRODUÇÃO

Neste artigo, parte-se da epígrafe supracitada, disponível na obra “*Memória e sociedade. Lembrança de velhos*” de autoria de Ecléa Bosi (1999) procurando analisar a velhice na sociedade industrial, defendendo que além de ela ser um destino do indivíduo, é também uma **categoria social** que tem um estatuto contingente, pois cada sociedade vive de forma diferente o declínio biológico inerente do indivíduo. De uma forma geral, a sociedade industrial é maléfica para a velhice, pois o coeficiente de adversidade das coisas cresce nessa etapa da vida: as escadas ficam mais duras de subir, as distâncias mais longas a percorrer e o mundo torna-se cheio de ameaças e ciladas

físicas e atitudinais. Para comunicar-se com os semelhantes, o velho precisa de artefatos: próteses, lentes e aparelhos acústicos entre outros. É por essa impotência de transmitir a experiência, quando os meios de comunicação com o mundo falham, que se produz um processo de silenciamento gradativo que vai alijando o velho do convívio com o mundo. Importante ressaltar a idéia que Bosi evidencia, mostrando que a noção que temos de velhice decorre mais da luta de classes do que do conflito de gerações e que seria necessário sedimentar-se uma cultura para os velhos com interesses, trabalhos, responsabilidades para que se tornassem sua sobrevivência digna. Para que tal ocorra, é preciso recriar tudo, refazer as relações humanas doentes para que o sentido de vida para esse segmento possa ser recuperado.

Essa situação é denunciada nos dois contos “*Feliz Aniversário*” e “*Noventa e três*”, que giram em torno das reuniões familiares para a comemoração do aniversário de dois velhos: Dona Anita que completava oitenta e nove anos em “*Feliz Aniversário*” e os noventa e três anos de um velho que não aparece nomeado por Mia Couto.

Nos dois contos, o processo de silenciamento é pano de fundo para tematizar o isolamento, a marginalidade e a exclusão familiar por que passa a velhice.

Assim, este trabalho tem por objetivo comparar as narrativas destes dois contos, porque em ambos o silenciamento, a incomunicabilidade dos protagonistas com os familiares aparece como uma marca comum, embora seus desfechos apontem para caminhos diferentes. Em “*Feliz Aniversário*”, observa-se um desfecho realista que não aponta para uma saída explícita e o silenciamento conduz à idéia de que ele se perpetuará até a extinção total da voz da Dona Anita. Já em “*Noventa e Três*”, predomina uma visão romântica idealista, pontuada pela esperança utópica de que o velho possa continuar se comunicando e a possibilidade de comunicação é recuperada pelo velho, não no ambiente familiar, mas com seus companheiros de rua igualmente marginalizados: o menino Ditinho e um gato abandonado, pois “*só para eles, vadios do jardim, ele se sentia avô*” (COUTO, 1996, p.58).

Dessa forma, como a análise proposta terá os estilos de narrativa como foco de comparação de semelhanças e oposição, torna-se necessário que os autores desses contos sejam de início contextualizados historicamente.

“*Feliz Aniversário*” é um conto escrito na década de cinquenta, no Brasil e retrata as mazelas da classe média carioca. Clarice Lispector não ideologizou sua obra,

embora seu engajamento no conto, torne-se implícito. Ao contrário da realidade de Moçambique à época em que foi escrito “*Noventa e Três*”, em que se observa o total engajamento político-social de Mia Couto. Aliás, o próprio título remete o leitor sugestivamente ao ano de mil novecentos e noventa e três que é para os moçambicanos o primeiro ano de paz, depois da guerra civil. Nesse cenário, o engajamento de Mia Couto tornou-se uma imposição, pois as questões sociais exigiam posições marcadas dos intelectuais. O autor retoma a representação do velho, como guardador da memória. Tratava-se de buscar a reconstrução de uma identidade sufocada pela colonização e por isso a tradição é valorizada. O conto denuncia a exclusão do velho dos modernos hábitos levados à África, os quais contribuem para o processo de silenciamento por que passa essa categoria social. As alterações trazidas pelo progresso acabam por silenciar a voz do velho que é expurgado do convívio familiar.

Assim, dentre os possíveis recortes para a análise desses dois contos, optou-se pela análise do estilo da narrativa, buscando-se elementos que permitam verificar os aspectos que marcam a aproximação e o distanciamento dos contos em questão.

II) DESENVOLVIMENTO

O conto “*Feliz Aniversário*” foi escrito por Clarice Lispector e publicado pela primeira vez em 1960, no livro “*Laços de Família*”. Ele tematiza o drama da velhice, expondo a hipocrisia das relações familiares, sobretudo em datas ritualísticas como o “*aniversário*” de uma velha matriarca que completa oitenta e nove anos, imersa em um mutismo intencional, ao lado de uma família omissa e que não consegue estabelecer uma relação verdadeira com D. Anita. O conto apresenta a velhice como um problema, como um peso, como uma categoria social predestinada à marginalização, ao isolamento que é constituído a partir das próprias relações familiares.

Clarice Lispector recorta um dia da vida de D. Anita – o dia de seu aniversário de oitenta e nove anos – que vive com sua única filha mulher: Zilda, convidando o leitor a testemunhar um universo familiar marcado pelo desprezo, pela hipocrisia e pelo egoísmo não só em relação ao velho, mas em todos os níveis da relação familiar: mães com filhos, maridos, noras, cunhados e irmãos.

Nessa reunião, a aniversariante não fala, não esboça reação nenhuma, “*seus músculos não mais a representam*”, não tem a atenção verdadeira de ninguém. As ações, as falas e atitudes compõem o cenário ritualístico de um aniversário, sem que os personagens comuniquem-se verdadeiramente com D. Anita. Como ela não tem condições de sair fisicamente desse cenário e dessa situação, a matriarca isola-se em sua consciência e em seu silenciamento. O leitor compartilha com ela um monólogo interior que denuncia todo seu rancor em relação à família: “*O rancor roncava no seu peito vazio. Uns comunistas, era o que eram, uns comunistas*”(…) *Pareciam ratos se acotovelando*”. (LISPECTOR, 1998, p.60). Para marcar seu desprezo, a protagonista cospe no chão diante da reprovação dos familiares.

D. Anita era uma mulher amarga e dura que ao lembrar-se de seu marido critica seus descendentes. “*Todos aqueles seus filhos, netos e bisnetos não passavam de carne de seu joelho, pensou de repente como se cuspisse*” (LISPECTOR, 1998, p.60). Somente dois personagens mereciam sua atenção e carinho: Rodrigo, o neto de sete anos que “*era o único a ser a carne do seu coração*” e Cordélia, sua nora mais moça, que sem remédio amava secretamente e extra-conjugalmente talvez pela última vez, a quem como se adivinhasse o seu segredo dirigiu-se dizendo: “*É preciso que se saiba. Que a vida é curta. Que a vida é curta*” (LISPECTOR, 1998, p.64), mostrando que a mulher deveria agarrar a sua derradeira chance e viver o amor.

Já no conto “*Noventa e Três*”, do escritor Moçambicano Mia Couto, que compõe a obra “*Estórias Abensonhadas*”, publicada em 1994, também aparece no universo ficcional a discussão sobre o drama da velhice e da hipocrisia da trama familiar, delineando-se também a situação de exclusão e marginalização de um velho que completa noventa e três anos. Trata-se de um velho cego que, como no conto de Clarice, está rodeado por familiares em sua festa de aniversário, mas inteiramente só, em um circuito de não-comunicação, já que os convidados participam do rito por obrigação, deixando o protagonista ilhado em seus sonhos e pensamentos, sem condições de interagir verdadeiramente com nenhum dos familiares. Diferentemente do conto anterior, em que D. Anita não tem saída a não ser vencer a morte e estar viva no próximo aniversário, embora na mesma situação de isolamento e marginalização, no conto de Mia Couto, o velho consegue fazer frente a essa situação com a ajuda de dois companheiros: um gato e o menino de rua Ditinho. Embora ele também seja visto pelos

familiares como um objeto, o velho “*malandramente*” e sem ninguém perceber, foge para sua comemoração verdadeira com os dois companheiros de rua.

Como se pode observar, há vários pontos de confluência entre esses dois contos. O mais evidente deles é a opção dos autores por tematizar a festa de aniversário dos dois velhos, da qual emerge as conseqüentes e doentias relações familiares marcadas pela impossibilidade de um diálogo verdadeiro que resulta no processo de silenciamento dos protagonistas. A exclusão advinda da categoria social a que estão submetidos – a velhice – é questionada, a partir da impossibilidade de eles se comunicarem com seus familiares e o “*aparente*” imobilismo que os caracteriza. D. Anita espera imóvel desde as duas da tarde, no mesmo lugar desde o início de sua festa de aniversário e o velho do conto de Mia Couto, apesar de falar e tentar comunicar-se, não é escutado por ninguém, não possui uma real interlocução. Ambos são conscientes do que acontece, avaliam, julgam a situação, mas são tomados por **senis**. Essa inadaptação é decorrente da falta de projetos que dêem significado aos seus gestos cotidianos. Eles não estão engajados a nenhuma causa que os transcenda. Somente quando o velho encontra a possibilidade de interlocução do menino Ditinho e do gato, é que ele consegue “*sentir-se avô*” e sai do isolamento.

Quanto ao espaço onde se desenrolam as ações dos dois contos, observa-se a confluência do privado com o público, pelo cruzamento do espaço doméstico, opressor e asfixiante e o da rua livre e feliz. Este aspecto é fundamental no desfecho dos dois contos. Em “*Feliz Aniversário*”, ao final da festa, a família em um ritual de passagem desce a escadaria que a levará para rua e para o alívio da retomada da vida de cada um “*pisado o último degrau, com alívio os convidados se encontram na tranqüilidade fresca na rua*” (LISPECTOR, 1998, p.66). Em “*Noventa e Três*”, a liberdade e a felicidade estão na rua. É no espaço público que o avô recupera sua identidade, engaja-se a um projeto de vida e recupera a alegria de estar vivo, “*de comer, de beber, de gargalhotar*” (COUTO, 1996, p.58).

Nos dois contos, observa-se, portanto, a fuga de uma situação opressora que leva à transgressão, quer seja por meio da ação de efetivamente fugir (no conto de Mia Couto), quer seja pelo imobilismo de D. Anita que ao cuspir no chão, demonstra seu desprezo consciente pela situação que vive: ambos transgridem de formas diferentes, demonstrando que não são passivos e não aceitam a situação a que estão submetidos.

Com referência ao tempo dos dois contos, constata-se também certa semelhança, já que o momento da enunciação – a festa – torna-se a porta de entrada para a recuperação das memórias: em “*Feliz Aniversário*”, é o momento que D. Anita relembra o marido, o filho morto e critica toda sua descendência; em “*Noventa e Três*”, esse aspecto pode ser verificado, quando o velho finge dormir: “*Mas o avô apenas se finge dormido. Naquele enquanto, ele apenas guarda uma fresta para poder exercer sua mais secreta malandrice. Todos os dias ele escapa do lar*” (COUTO, 1996, p.56). Trata-se da memória em que o espaço da rua configura-se como ideal de felicidade e liberdade. Enquanto para D. Anita a memória é depositária de amargura, para o velho de Mia Couto, a memória ajuda na construção de um projeto de vida futura.

Outro aspecto relevante nos dois contos refere-se à questão do diálogo, gerando processos de silenciamento diferenciados: D. Anita silencia diante do que não é verdadeiro, comunica-se apenas quando quer e em situações que considera verdadeiras. Já em Mia Couto, o silenciamento é setorizado. O diálogo só ocorre entre os excluídos: entre o velho e o menino de rua. Este aspecto autoriza a inferência sobre o momento histórico que Moçambique vive, mostrando que o diálogo existe somente entre os iguais, entre a sabedoria dos ancestrais e a vivacidade da nova geração. Já com a família observa-se momentos recorrentes de não-comunicação com a família em torno do termo “*Noventa e Três*”, que se refere, simultaneamente, à idade do velho, ao tempo cronológico em que ocorre a ação e, ao final, à quantidade de dinheiro que permitirá os três companheiros (o velho, Ditinho e o gato) comemorarem verdadeiramente o aniversário. Interessante também observar que em “*Feliz Aniversário*”, a acidez de D. Anita, em sua retórica reflexiva e amarga, refere-se aos seus familiares como “*comunistas*”, a expressão que vira xingamento em sua boca reflete o pensamento comum da classe média da década de cinquenta que modela o vocábulo com um tom pejorativo que encobre todo um processo de desprezo preconceituoso e de um distanciamento ideológico. Neste conto, não há possibilidade de diálogo e o leitor acompanha um cenário de total incomunicabilidade, de silenciamento de sentidos e de palavras, mesmo quando elas são pronunciadas. O sentido só é recuperado se houver relação verdadeira como ocorre entre D. Anita e Cordélia: “*O punho mudo e severo sobre a mesa dizia para a infeliz nora que sem remédio amava pela última vez*” (LISPECTOR, 1998, p.64 grifo nosso). Trata-se de um momento único de diálogo que

assusta a interlocutora e que quando conscientizada torna-se possível de ser retomado, pois a interlocutora não pode assumir-se como interlocutora, sob o risco de ver descoberto seu segredo e, assim, a narrativa volta-se à retórica da incomunicabilidade.

Além dessa convivência entre D. Anita e Cordélia que tem coragem de buscar sua felicidade em uma relação extraconjugal sugerida por Clarice, esse dilema pessoal dá à Cordélia o estatuto de interlocutora de D. Anita, pois ela está em situação oposta à da família a que pertence, pois tem coragem de burlar a hipócrita vida doméstica e tenta uma vida verdadeira, repleta de sentido e de ações verdadeiras. E Rodrigo, nesse pólo, pontua esse diálogo e traz a mãe à realidade, o que remete à idéia de rompimento com uma transformação radical.

Em “*Noventa e Três*”, Ditinho compara-se à Cordélia apontando, entretanto, para direções opostas, enquanto o menino de rua corporifica a possibilidade de mudança e transformação; Cordélia pela ação de Rodrigo, significa a manutenção do “*status quo*” e da hipocrisia que sustenta essas relações.

A presença do afeto é outro elemento que também denuncia aproximação e distanciamento entre os dois contos. Nos dois contos, os velhos são capazes de senti-lo, mas não indiscriminadamente: as crianças são eleitas como alvo desse afeto dos velhos nas figuras de Ditinho e de Rodrigo, levando o leitor a perceber um leve toque de esperança que é explícito em Mia Couto e insinuado em Clarice Lispector, pois o desfecho de cada um dos contos aponta para diferenças concretas. Em “*Feliz Aniversário*”, Clarice Lispector denuncia que se há alguma saída ela se encontra no interior da própria família: está em Cordélia e em Rodrigo. Apesar da manutenção da situação, pelo conformismo, o caminho de superação existe.

Já em “*Noventa e Três*”, o desfecho aponta que o caminho de superação encontra-se fora da família, pela religação entre os dois pólos da vida: o velho e o novo que Fonseca (2003) descreve como a presente sabedoria ancestral colocada em função da construção do presente. Pode-se verificar nesse conto, a presença de uma ambigüidade estruturante, já a partir do próprio título que faz referência tanto à idade do velho, ao momento histórico ou à quantidade de dinheiro que pode bancar o sonho do velho, riqueza esta que pode ser compreendida pela experiência de aproveitar a vida que só a idade traz, única riqueza que se pode acumular como se vê em: “- *Então, quanto temos aqui? O velho sorri, leva a mão ao peito e proclama: - Noventa e três! Os olhos*

do miúdo relampejam: - Tudo isso? Estás rico, vovô (...) – Com esse tanto dinheiro hoje vamos fartar por aí: comer, beber, gargalhotar”. (COUTO, 1996, p.58).

Este desfecho proposto por Mia Couto denuncia uma visão otimista que aponta para uma esperança que se aloja na união dos excluídos: “*Depois corre pelo beco escuro, juntando-se aos dois amigos que, já de longe, festejam o tempo, comemorando o dia em que todos os homens fazem anos*” (COUTO, 1996, p.58). Tal desfecho demonstra que há uma saída que está fora da família tradicional, apontando para a reconstrução de uma nova ordem social que possibilitará a crença no futuro; sem dúvida de uma idealização romântica e utópica.

III) CONSIDERAÇÕES FINAIS

É recorrente na narrativa burguesa desde os séculos XVIII e XIX a presença da tensão e conflito do indivíduo em relação às estruturas sociais do mundo que o circunda. Nele sobressai o drama do herói problemático, desajustado em relação ao mundo que lhe impõe degradação e valores não correspondidos.

Nesses dois contos tomados como objeto de reflexão e análise, que foram produzidos em épocas e sociedades diferentes, apresentam-se tematizadas as relações da família com seus velhos e as relações que envolvem os sujeitos que estão excluídos das relações sociais.

Como resposta para esse conflito tematizado, Clarice Lispector não oferece resposta, pois por seu movimento ficcional a autora não propõe uma solução, já que a relação não conseguiu transformar-se, ao contrário, foi abafada pela hipocrisia e mantida a situação inicial. A única reação é a manutenção de um consciente processo de silenciamento como forma de resistência e de protesto. A narrativa melancólica veicula, dessa forma uma não-solução, que faz D. Anita isolar-se à espera da morte, apesar do sopro de vitalidade e da tentativa de comunicar-se que é ensaiada mas não logra êxito, fazendo-a retornar à situação de incomunicabilidade a que está presa.

Já em “*Noventa e Três*”, Mia Couto aponta para a possibilidade de superação do conflito da incomunicabilidade pela transgressão e é pela associação com o novo (Ditinho) que essa superação será construída. Trata-se de uma narrativa utópica, pois projeta uma visão de superação do conflito por meio de associação dos excluídos que

pode gerar novos laços de família. Assim, mesmo apresentando desfechos opostos, em ambos a denúncia do drama da velhice e da hipocrisia que as relações familiares apresentam encontram-se presentes. Discursivamente, essas idéias encontram-se marcadas pela opção estilística pelo tom proverbial, mais acentuadamente em “*Noventa e Três*”, no qual se observa um processo de incorporação do provérbio pela instância narrativa e sua reconstrução. “*Não há mão mais segura que a do cego. Porque o cego agarra o que há e o resto não acontece*” (COUTO, 1996, p.55). “*O velho agradece, vidente invisual. Tudo estando longe da vista, perto do coração. Mas a ilusão de se estar certo nasce de todos estarem errados no mesmo tempo*” (COUTO, 1996, p.57).

Dessa forma, esse mecanismo polifônico de incorporação das vozes proverbiais vem confirmar esses velhos protagonistas como habitantes de regiões sociais do passado que são rejeitados e não podem mais ensinar aquilo que levaram a vida inteira para aprender.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOSI, Ecléa. Tempo de Lembrar. In: _____. **Memória e sociedade**. Lembrança de velhos. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

COUTO, Mia. Noventa e três. In: _____. **Estórias abensonhadas**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1996.

FONSECA, Maria Nazareth Soares. Velho e velhice nas literaturas africanas de língua portuguesa contemporâneas. In: BARBOSA, Maria José Somerlate (org.). **Passo e compasso**: nos ritmos do envelhecer. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003.

LISPECTOR, Clarice. Feliz Aniversário. In: _____. **Laços de Família**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

¹ Mestrando em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (USP). Projeto: *Os indícios da violência nas obras “As aventuras de Ngunga” de Pepetela e “Sapato de Salto” de Lygia Bojunga*. Bolsista CAPES. E-mail: lauriti@usp.br

Artigo Recebido em 02 de abril de 2009.

Aprovado em 05 de junho de 2009.